

# EDITORIAL

## A PESQUISA COMO PRÁTICA FORMATIVA

Jorge Luis Cammarano Gonzales<sup>1</sup>

**A** REALIDADE em curso manifesta parte de suas possibilidades de conservação num processo que busca subordinar as práticas formativas e, especificamente, as práticas desenvolvidas no âmbito de instituições educacionais, à lógica da mercantilização da vida social em todas as suas dimensões.

As implicações desse processo tensionam um dos problemas fundamentais do homem como ser genérico; o da tensão entre o ser e o dever-ser, aqui referenciada por estas indagações: Como viver? De que maneira agir? E como produzir a possibilidade de intervir nesse processo?

As possíveis respostas produzidas na direção dessas indagações assinalam a busca de entender e superar as condições historicamente produzidas a partir das quais e nas quais vivemos, agimos e pensamos. Trata-se de produzir individual e socialmente; singular e particularmente, subjetiva e objetivamente; alternativas à realidade posta com base nas relações entre os sujeitos que vivem e/ou sobrevivem do trabalho assalariado – e da ausência deste – e os sujeitos que se apropriam do trabalho dessa maioria, engendrando relações de produção e produção de relações alienantes, desumanas. Mas também se trata de apreender os nexos, as mediações que concretizam essas relações para, se possível, removê-las, superá-las.

Consideramos que no contexto das práticas formativas educacionais uma dessas possibilidades se encontra na pesquisa, e no caso da universidade, na articulação de pesquisa com ensino e extensão.

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Mestrado da Uniso; presidente da Comissão organizadora do 6º EPIC – Encontro de Pesquisadores e de Iniciação Científica.

E assim, nos reportamos à missão proposta pela UNISO, isto é, a de formar agentes para a transformação social. E destacamos que, como desdobramento dessa proposta, assume intensidade, neste momento, a compreensão de que produzimos, criamos, convivemos e nos formamos no contexto de uma instituição comunitária que concebe o seu espaço acadêmico como sendo espaço que forma aquele que transforma. Criar essas possibilidades de formação neste espaço institucional representa entre outros aspectos a possibilidade de compreendermos a pesquisa como prática formativa. E é com base nesse referente que resgatamos alguns dos aspectos mais recentes que têm orientado a perspectiva de consolidar a prática de pesquisar a prática nesta Instituição.

Diante do tema: *Ensinar pela pesquisa: em busca da universidade real*, afirmava-se:

é consensual que é preciso fortalecer a graduação e que isto passa pela incorporação da dimensão da pesquisa na prática pedagógica. A questão que se apresenta para nós é esta: Que transformações são necessárias na atual dinâmica universitária para tornar real este consenso?.

Também é possível registrar nesse itinerário a seguinte argumentação:

O espírito de investigação científica implica reconhecer que o conhecimento não está pronto e dado de uma vez por todas. Acima de tudo, supõe uma postura analítica e de indagação dos 'fatos do mundo' (as aspas são para lembrar que os fatos só existem no interior de uma teoria, não tendo nenhuma imanência). O que se postula é a substituição de demandas do tipo como proceder? Como é o certo? Que técnicas aplicar?; por perguntas em que se problematiza a realidade: Como ocorrem tais fatos? Por que isto é como é? Quais as conseqüências e implicações de tal ou qual decisão?.

Outra temática derivada dessa proposta e agora vinculada à incorporação de pesquisa ao cotidiano dos cursos por meio de seus projetos pedagógicos afirmava:

A aprendizagem do método é simultânea à investigação do objeto. O equívoco de tratar as disciplinas de pesquisa como estudo do próprio método, desvinculado da prática investigativa, tem transformado estes momentos em corpos estranhos aos cursos (...). Elas só se justificam se efetivamente se tornarem momentos privilegiados de reflexão e investigação da(s) linha(s) de pesquisa do Curso. A proposta visa integrar ensino, pesquisa e extensão, possibilitando o tratamento da pesquisa científica de um modo orgânico, com a aprendizagem do método se dando simultaneamente à investigação do objeto. Assim a pesquisa científica deve ser desenvolvida permeando a graduação.

Esta é uma pequena amostra do esforço realizado e é também a expressão da complexidade e dos desafios subjacentes à sua consolidação. Uma amostra que se expressa fundamentalmente na prática de alunos e professores e que procuram esse mínimo consenso proposto, um consenso que em sua dimensão ética fomenta a pluralidade em relação ao tratamento acadêmico-científico de investigar a realidade social, um consenso que reconhece na prática de pesquisa uma possibilidade de formação de um ser que busca se apropriar, intervir, transformar e ser radical, Isto é, buscar as raízes de suas condições de vida, de alienação, de isolamento, de solidão, de vazios, mas também de sonhos, de desejos, de festa, de utopias, de transformar o insuportável em impossível, o impossível em possível e o possível em realidade.

A substituição das demandas – que subordinam produção de pesquisa à lógica de mercantilização de saberes e conhecimentos –, pela problematização da realidade revela a produção de uma prática investigativa posta como possibilidade, dentre outras, de apropriação das relações e mediações das condições que separam o indivíduo singular de sua criação e produção da realidade social, práticas que transformam seu ser em alienado, coisificado, mercantilizado.

Sinalizar que os métodos são produzidos com base nas práticas sociais e criar procedimentos éticos, políticos, valorativos que referenciem esse suposto, representa também o desafio de superar uma concepção de método sem realidade, prática à qual corresponderia em nosso cotidiano, a realidade sem método.

Diante do exposto, refletir sobre essa formalização que reduz a compreensão da realidade ao método, ou em outros termos, que alimenta a possibilidade do método subordinar e fundar a realidade. E mais: que converte o conceito, a racionalidade, em precedente de existência da realidade, requer assumir como suposto que o possível sentido da realidade em suas múltiplas dimensões têm sua origem, sua gênese, na prática social centrada no Trabalho e em sua organização, produção e apropriação com base na atividade criadora do ser genérico, Homem. Este esforço demanda um processo de pesquisa cuja prática transgride as práticas de observar, contemplar, classificar, comparar, hierarquizar, fragmentar, reduzir, formalizar; mas que fundamentalmente se constitua como prática de apropriação e superação da realidade social em suas múltiplas dimensões.

Apropriação que significa desapropriar os processos de alienação, exploração, controle e terror subjacentes às práticas sociais que antagonizam com a possibilidade de emancipação humana.

Apropriação que expressa a busca por superara a naturalização das práticas sociais, a mercantilização da vida em todos os seus aspectos, o esforço de retirar da História socialmente produzida o seu caráter contraditório. E isto considerando que a crise não é de paradigmas. A crise é imanente a um modo de produzir a vida que transformou seus predicados em sujeitos; seus efeitos em causas; sua política em despolitização; seus direitos em consumo e, no âmbito da educação, converteu alunos em clientes e ensino, pesquisa e extensão em prestação de serviços.

A pesquisa requer opções valorativas, políticas, éticas, ideológicas. Como viver? De que maneiras agir? Com base em que supostos intervir, refletir, investigar? E tomando por referência a pesquisa concebida como prática formativa poderíamos indagar: a pesquisa contribuiria para nos apropriarmos da vida, do sonho, do desejo, da liberdade emancipada de necessidade; do Trabalho emancipado do Capital?

